

Lars Løvold^oe
Elisabeth Forseth
Grønnegt. 15
Oslo 3
NORUEGA

Exmo. Sr. Presidente da FUNAI
Setor de Indústrias e Abastecimento
Trecho 4, lote 750
Brasília, DF
BRASIL

RECEBIMENTO REALIZADO PELO CENTRO DE
BIBLIOTECÁRIO E INFORMAÇÃO - CEDOC/FUNAI

11/04/84
Conçalves

FUNAI SEDOCAB
942
10.4.84
10.4.84

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data / /
Cod. 011000080

Oslo, dia 4 de abril 1984

Relatório preliminar, trabalho de campo antropológico

Enviamos em anexo um relatório preliminar do trabalho que realizamos entre os Índios Gavião, Zorô e Arara no PI Igarapê Lourdes em Rondônia. Este trabalho antropológico foi possibilitado pelas autorizações nº 055/79 da FUNAI e nº EX-28/79 do CNPq, autorizações pelas quais queremos mais uma vez exprimir a nossa profunda gratidão.

No período de fevereiro 1980 até outubro 1981 passávamos aproximadamente um ano e meio no campo, convivendo com os Índios e realizando a nossa pesquisa antropológica. Como aparece no relatório, concentrávamos a nossa atenção numa pesquisa dupla: de um lado a cosmologia tradicional, e de outro a organização social tradicional, tanto como o processo de mudanças nela.

As condições de pesquisa eram, em geral, boas, e consideramos a oportunidade de poder trabalhar com os Índios Zorô (relativamente recém-contatados) como um privilégio científico. Raras vezes dá-se a oportunidade de fazer pesquisa junto com Índios que têm guardado tanto da memória da cultura tradicional - mesmo que já tinham cessado de praticar boa parte dos costumes tradicionais.

Infelizmente não nos foi possível elaborar os nossos dados antropológicos dentro de nossos planos originais de progressão. Voltávamos para a Noruega com todos os nossos recursos financeiros esgotados, e vimos-nos forçados a dedicar os nossos esforços ao restabelecimento dum fundamento econô-

30/19/79

mico. Em vez de poder concentrar-nos sobre as teses de doutoramento, tínhamos que dedicar o ano 1982 e a metade de 1983 a atividades econômicas.

Desde então estamos, no entanto, elaborando o nosso material de campo e trabalhando nas teses de tempo integral. Planejamos entregar as teses ainda este ano, e estamos ansiosos de poder comunicar os nossos resultados científicos tanto para a FUNAI como para outras entidades interessadas no Brasil.

Então, por enquanto estamos só mandando este relatório preliminar, na qual temos dado especial atenção aos fatos que achávamos de maior interesse prático pela administração das tribos. Achando desnecessário recapitular estes fatos aqui, queremos só chamar a atenção de V. Ex.^a para a situação dos índios Zoró.

Contatada em 1978 - e portanto uma das últimas tribos a estabelecer contato permanente com a sociedade nacional - a tribo Zoró é uma das tribos no Brasil que mais precisa de proteção. Os Zorós são índios de rica cultura espiritual e com um conhecimento impressionante do meio-ambiente tropical. Mas na frente da sociedade nacional são extremamente indefesos.

Medicalmente precisam de um atendimento contínuo, porque ainda não desenvolveram resistência contra as nossas doenças infecciosas, que facilmente podem virar epidemias mortais. E socialmente são incapazes de defender os seus interesses vitais, porque não entendem nem sabem lidar com a sociedade dos brancos. Precisam portanto do órgão tutelar para garantir o seu futuro numa área que os grandes fazendeiros na região estão querendo anexar.

Nesta situação é uma fonte de inquietação que a tribo ainda não tem uma área garantida e legalmente demarcada. A área de tradicional uso da tribo foi interdita na época de atração. Mas com todo o movimento e os investimentos nesta parte de Rondônia e Mato Grosso (POLONOROESTE, asfaltamento do BR-364, fazendeiros pioneiros com grandes recursos financeiros) é de temer que a interdição não seja respeitada para sempre. (Mesmo em 1981 houve pressões da parte da fazenda mais próxima, a Fazenda Castanhal, para cortar dentro da área interdita.)

Estamos dirigindo-nos diretamente para a V. Ex.^a não só porque trata-se aqui dum caso de urgência, mas também porque

31/10/19

estamos convencidos que o caso Zoró tem todas as possibilidades de tornár-se um caso de sucesso. Agindo a tempo - antes que as pressões locais fiquem grandes demais - pode-se criar a área indígena Zoró sem arriscar que este direito legal da tribo seja contestado localmente.

Segurada esta base indispensável, e fornecendo o mínimo necessário de supervisão e atendimento, o futuro desta tribo - que demorou tanto para aceitar a convivência pacífica com a sociedade nacional - pode ser garantido. Com pouco tempo de contato, e com a vida tradicional ainda viva na memória, os Zorós têm as melhores possibilidades de tornar-se um caso de transição relativamente harmonioso de índios arredios para índios em contato permanente.

Querendo chamar a atenção da V. Ex.^a para os índios Zoró, não estamos ignorando nem a grande complexidade das tarefas do órgão tutelar, nem que tem outros casos no Brasil que "falam mais alto"; mas estamos convencidos que uma solução dos problemas da tribo Zoró está dentro do possível, e que esta solução está desejada tanto para a V. Ex.^a como para nós.

Agradecendo a vossa atenção, enviamos os nossos votos de estima e consideração.

Atenciosamente

Elisabeth Forseth
Elisabeth Forseth

Lars Løvold
Lars Løvold

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO - CEDOC/FUNAI

P.S.

Incluimos em anexo cópias de alguns artigos de caráter puramente informativo/popular que fizemos para duas revistas ilustradas (tipo Manchete, mais ou menos). Dois artigos (um sobre um velho Zoró, outro sobre a vida livre das crianças) para Norsk Ukeblad ("A Semanal Norueguesa", tiragem 340.000); e dois para Vi Menn ("Nós Homens", tiragem 95.000): um sobre a selva e a vida tradicional dos Zorós, outro sobre a caça de queixadas.

u
r
t.
r.
m
i
re
en
de
=
pá
: 1
pá
it i
ver
1-1
opp
de
ver
sen
arb.
m.
pá
og
m.
som
hals
m.)
c. er
de
vo
n
ora
le
a pá
ndt
liten
r.
m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
m.
med
str.
littid.
s av
n p.
fell

Lars Løvold e
Elisabeth Forseth
Grønnegt. 15.
Oslo 3
NORUEGA

RELATÓRIO PRELIMINAR:
TRABALHO DE CAMPO ANTROPOLÓGICO

De acordo com a autorização nº 055/79 para pesquisa científica em área indígena (processo FUNAI/BSB/3479/79) e a autorização nº EX-28/79 do CNPq realizamos em 1980 e 1981 uma pesquisa antropológica junto com os índios Gavião, Zoró e Arara no PI Igarapé Lourdes em Rondônia.

Ingressamos na área indígena dia 28 de fevereiro 1980, e retiramo-nos definitivamente da área dia 9 de outubro 1981. Neste período permanecemos na área (exceptuando curtas viagens de abastecimento e de tratamento médico) de fevereiro 1980 até fevereiro 1981 e de maio até outubro 1981, totalizando aproximadamente um ano e meio de trabalho de campo. O período de médio fevereiro até médio maio 1981 passamos em São Paulo, elaborando provisoriamente os dados iniciais de campo.

Tantos meses de convivência permite a recolha de uma quantidade grande de informações variadas. Tratando-se neste caso de culturas ainda não descritas na literatura antropológica, fizemos questão de fazer um trabalho amplo e aberto, possibilitando assim uma futura descrição geral das tribos. Mesmo assim era preciso concentrar os esforços. Focalizamos as áreas seguintes:

- 1) Mitologia Gavião e Zoró. Tratávamos de recolher o maior número possível de mitos, registrando-os na língua original e traduzindo-os para o português.
- 2) Pajélança. Os métodos de cura do pajé. A visão do mundo que se manifesta na prática de pajélança, e as relações do pajé com o mundo sobre-natural. Comparação entre pajélança Gavião e Zoró.
- 3) Cultura tradicional. Reconstituição da cultura tradi-

d
n
r.
t.
r.
m
i
re
en
de
=
pá
l
pá
t.
i
ver
1-1
opp
de
iver
lsen
arb.
m.
pá
og
m.
som
hals
m.)
c. er
de

ven-
n. i
teret

legg
-a alt
n pá
ndt
liten
r.,
m.
str.
itm.
hver
slik:
tr. 2
2 m.

med
str.
lltid
s av
n p.
fell

20/10/79
5

cional Gavião e Zorô, principalmente no que diz respeito ao sistema de parentesco e de residência.

4) Relações entre Índios Gavião e Zorô, principalmente no tocante ao papel da tribo Gavião no processo da rápida mudança cultural dos Zorôs.

5) A lógica de nomes pessoais e cantos como expressões culturais.

Temas 1 e 2 foram a tarefa principal de Lars Løvold, sendo estes os eixos principais num estudo da cosmologia tradicional das tribos. Elisabeth Forseth se concentrou sobre os assuntos 3 a 5, portanto focalizando a base da organização tradicional das tribos, assim como um dos elementos centrais no processo de mudança social dos Zorôs.

Como apareça em cima trabalhávamos quase que exclusivamente com os Índios Gavião e Zorô. Nos Araras recolhemos só informações básicas, mas não dados propriamente antropológicos. Isto devido, dum lado, à necessidade de concentração e, de outro, à situação não típica dos Araras como a tribo mais reduzida numericamente e culturalmente. Veja a seção Arara.

Como explicamos na nossa carta acompanhando o relatório, vários obstáculos práticos impediram a conclusão das análises científicas dentro de nossos planos originais de progressão. Em vez de mandar um relatório de caráter científico, mas fragmentado, achamos melhor salientar fatos de interesse mais imediato pelo órgão tutelar: um breve histórico das tribos até a situação atual, assim como dados demográficos, de saúde etc. Os resultados científicos pretendemos comunicar ainda este ano em forma de teses completadas.

le
- a a
n p
inc
ite
2 r
i m
str
jtr
hve
slik
tr.
m
me
str
llii
s a
n p
fe
6

GAVIÃO °

1. Demografia

Tabela 1. Sumário da população Gavião, válido dia 9 de outubro 1981:

Faixa etária	M	F	Total
0 - 1	8	3	11
1 - 5	14	18	32
6 - 10	15	14	29
11 - 15	8	12 (-1)	20 (19)
16 - 20	9	6 (-2 +1)	15 (14)
21 - 30	11	14 (-2)	25 (23)
31 - 40	9	8	17
41 - 50	6	4	10
51 - 60	6	1	7
61 -	3	1	4
TOTAL	89	81	170 (166)

Durante os 20 meses que estávamos em contato com a tribo Gavião, morreu só uma pessoa - um gêmeo recém-nascido. Em contrapartida nasceu bastante: 11 crianças só no último ano, como mostra os números. A situação demográfica caracteriza-se portanto pela mortalidade baixa e a natalidade alta, o que resulta em uma população notavelmente jovem. 92 pessoas - 54% da população - estavam em baixo de 15 anos.

Nota-se que 5 mulheres Zorós, todas elas entre 15 e 21 anos de idade, casadas e tendo filhos com Gaviões, estão incluídas no total de 170 pessoas. Em contrapartida uma mulher Gavião (adicionada entre parênteses na tabela) está casada e tem criança com Zoró; em consequência ela não está incluída no total. Se ajustarmos os números, tirando o suplemento de mulheres que os Gaviões ganharam, a população reduzirá-se para 166 pessoas, e o desequilíbrio na faixa etária 16-20 anos ficará mais marcado (só 5 mulheres para 9 homens).

Também uma reserva quanto à baixa mortalidade: Em 1979 (antes da nossa chegada) morreram várias crianças e um jovem casado nos surtos de hepatite e outras epidemias que, na época, estavam atacando principalmente os Zorós.

Mesmo assim, a situação demográfica atual tem que ser considerada boa: a população está continuando a se recuperar

ls
ar
c
r
so
ha
q
c. s
c
n p
inc
lite
r.
1 m
str
str
hve
slik
r.
2 m
med
str
llic
s av
n p
fel
6

depois das perdas que sofreram em consequência do contato incontrolado com o mundo exterior. Este contato começou esporadicamente por volta da Segunda Guerra Mundial, e a situação só melhorou quando iniciou-se a primeira assistência em 1965-66.

Achamos que as razões da boa situação atual podem ser traçadas aos fatores seguintes: 1) O isolamento relativo dos Gaviões. Mesmo que moram só um dia de barco da cidade Jí-Paraná, é preciso atravessar muitas cachoeiras para chegar até a boca do Igarapé Lourdes. O acesso via terra é difícil. 2) A reserva, que é legalmente demarcada e de tamanho adequado. Os missionários da Missão Novas Tribos (Horst e Anette Stute) entraram em contato com a tribo em 1965. Um pouco mais tarde o SPI estabeleceu o primeiro Posto. Mas os Stutes estavam bem formados na medicina, e durante os anos assumiram a responsabilidade principal pela saúde dos índios. No início estavam atuando mais ou menos sôzinhos, mas os últimos anos a FUNAI teve uma presença cada vez mais marcante neste campo: fornecendo remédios, muitas vezes estacionando enfermeiros na área, mandando o Equipe Volante de Saúde, e tratando casos graves em Porto Velho.

Apesar de estar crescendo, a população Gavião não está equilibrada. Tinham um período de alta mortalidade quando mantiveram contatos esporádicos com seringueiros e garimpeiros, sem receber tratamento qualificado. Isto ainda se mostra na composição populacional: As crianças do tempo antes da assistência (aquí na faixa 16-20 anos) se somam em 14 (tirando as mulheres Zoró); aqueles que nasceram nos primeiros anos de assistência (faixa 11-15 anos na tabela) são 19; enquanto os anos com melhor atendimento mostram 29 crianças entre 6 e 10 anos, e 43 em baixo de 5. Mas a marca pior dos anos duros é que têm poucos velhos: em cima de 60 anos têm só 4.

2. Saúde

Em geral a situação de saúde está satisfatória. São mais resistentes do que eram contra doenças infecciosas, e geralmente têm um atendimento razoavelmente competente. Há três problemas gerais no que concerne atendimento médico em áreas indígenas:

1) Competência: Raras vezes os índios precisam de um médico formado, mas precisam de alguém que sabe diagnosticar

15/10/66

... m i re en de pa l pa t i ver l-l opp de ver sen arb. m. pa og m. som hals m.) c. er ; de ven- n. i eret legg -i alt n pá indt litten r., El m. str. itm. hver sliik: r. 2 m. Smed str. lltid s av n p. fell

as doenças mais comuns e que discrimina bem entre os vários remédios. 2) Depósito de remédios. 3) Continuidade: Muitas vezes facilita um tratamento adequado conhecendo o histórico das doenças do paciente. Também é bom saber quais índios foram vacinados para quais doenças; em breve: ter fichas médicas para cada índio no campo. Além disso é preciso res- peitar e saber lidar com índios para que eles aceitem de serem tratados, principalmente no que concerne tratamentos prolongados.

Foi nos pontos 1) e 3) que os missionários tinham o seu forte. Conheciam bem os índios e os índios tinham confiança neles, fato que fez que os índios muitas vezes foram se tratar pelos missionários, mesmo nos períodos com enfermeiro da FUNAI presente na área. Uma exceção disso foi a enfermeira Tereza Moreira de Castro, normalmente trabalhando na Casa do Índio em Porto Velho, mas estacionada um período no Igarapé Lourdes. Ela era muito competente, e os índios gostavam muito dela.

Depois que os missionários foram expulsos (primeiro semestre 1981), o problema de assegurar um atendimento médico contínuo tem que ser resolvido pela FUNAI.

Os problemas de saúde são os seguintes:

1) Tuberculose é um problema velho. Ao longo dos anos atacou alguém na maioria das famílias, mas principalmente nas famílias ligadas à aldeia do Posto. Vários foram tratados, no Posto, em Porto Velho, no Campo Grande, e até no Rio de Janeiro. Quanto a Gavião a situação parece mais ou menos con- trolada agora. A maioria foi vacinada (BCG), mas surtos podem acontecer de novo - ainda mais com a co-existência com os Zorós, que são ainda mais susceptíveis.

2) O chamado "gripe", o que vai dizer tanto um resfriado comum como o gripe propriamente dito, e também situações agudas como pneumonia. Os Gaviões são mais resistentes contra infec- ções nos órgãos de respiração do que os Zorós, mas eles têm muitos problemas com tosse também. A diferença é que um res- friado comum não vira pneumonia tão facilmente.

O problema de tosse/gripe aumenta notavelmente com o contato com a cidade: nos períodos de viagens frequentes para Jí-Paraná (quando o Chefe do Posto, o motorista indígena e outros estão levando produtos para a cidade e trazendo merca- dorias de volta) o problema com infecções está marcadamente

og
m.
som
hals
m.)
c. er
ven
n.
erety
legg
- a alt
n pá
ndt
liten
2 r.,
El m.
str.
hver
slik:
tr. 2
2 m.
Smed
str.
allid
s av
n p.
fell

mais agudo.

3) Vermes e amebas. A situação é, naturalmente, endêmica. Parece que os índios toleram bem estes problemas, mas às vezes fica demais, e é preciso tratar.

4) A situação venérea não está bem controlada. Uns anos atrás houve problemas com alguns Gaviões contraindo doenças venéreas na cidade. Mas já tinham cessado de contatar mulheres quando estavam na cidade. O problema surgiu de novo, no entanto, através de Zorós contagiadas na Fazenda Castanhal (veja a seção Zoró). Alguns homens tinham problemas. Em mulher. E falava-se que outros homens tinham doenças venéreas na consequência pode existir um resíduo de doenças venéreas na tribo, e com o tempo isto pode criar problemas graves.

3. Área indígena

Gavião tem terras adequadas (185.000 ha) e legalmente demarcadas, o que é o fator mais importante para o bem-estar atual e futuro da tribo. A reserva também é dos Araras, e as tribos moram uns quatro horas a pé uns dos outros. Os Gaviões moram em redor do Igarapé Lourdes no centro-norte da reserva, enquanto os Araras moram na parte sul, perto do Igarapé Prainha.

a) Problemas

Com invasões tem três áreas problemáticas, todas elas sob controle enquanto estávamos na área. Mas a primeira é susceptível de criar problemas no futuro, e precisa ser bem vigiada pela FUNAI:

1) Na parte sul da reserva, perto do Igarapé Prainha, há colonos até o limite da área indígena. Uns anos atrás invasores entraram na área, começando a cortar a floresta e a cultivar, mas foram expulsos pelo então Chefe do Posto junto com os índios. Sem dúvida tem muitos que estão querendo cruzar a Prainha.

No sul-este (tambem no Igarapé Prainha, mas a maior distância do Rio Machado) há projetos de colonização. Índios Gaviões trabalhavam na demarcação do projeto em 1981. Esta parte de Rondônia está mudando muito rapidamente. Existe competição intensiva para terras, e a pressão local para entrar - legalmente ou ilegalmente - na área vai aumentar cada vez mais. Sem reações firmes contra qualquer tentativa deste tipo, os índios vão poder perder rapidamente o que,

3/11/79

re
m
i
re
en
de
=
pá
l
pá
t i
ver
l-l
pp
de
ver
sen
rb.
m.
pá
og
m
som
hals
gn.)
c. er
de
ven
n. i
eret
legg
a alt
a pá
ndt
Eltien
r.,
i m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
m.
Smed
str.
llid
s av
n p.
fell

graças a FUNAI, já conseguiram.

Um problema adicional é que a demarcação não está mais visível na mata, o que facilita "malentendidos" do tipo "não sabíamos que era área indígena, não vimos nada..". Achamos uma boa ideia cortar de novo a demarcação para evitar tais "enganos" e marcar a presença do poder federal.

2) Nesta parte (que é a parte ocupada pelos Araras) também há uma "estrada" atravessando a área. É a picada de gado que faz a ligação entre Jí-Paraná e as fazendas São José, Rio Branco e Castanhal. Usa-se para transportar gado e para transporte geral com tratores, inclusive com reboque. Não presta para caminhões. A estrada é ilegal, mas usava-se durante a nossa permanência. Os fazendeiros queriam consertar e melhorar a estrada para tráfego de caminhões, mas o então Delegado da 8a DR, Apoena Meirelles, recusou. Sabemos que os fazendeiros estavam abrindo uma estrada verdadeira em agosto 1981, e conforme podíamos observar parecia que estavam desviando a estrada, respeitando a área indígena. Parece que este problema está resolvido - só precisa-se verificar na área.

3) A única invasão permanente era o "Seringal de Dona Miúda" / o "Seringal de Firminho", situado na margem direita do Rio Machado, um pouco ao norte da boca do Igarapé Lourdes. O seringal está na plena área indígena (e é do tempo antes da demarcação). Tiram látex dentro da área, e os Gaviões têm raiva disso. Também têm medo de encontrar os trabalhadores do seringal, e por isso quase não usam a parte norte da reserva. O seringal tem longa história de exploração indígena - Gavião, Arara e outros. Mas assinaram um acordo com o Delegado da 8a DR, aonde aceitaram de se retirar. Era para acontecer em setembro 1981, mas depois ficou adiado para fevereiro 1982, e por conseguinte não podíamos verificar a retirada.

b) Uso da área

Tradicionalmente os Gaviões moravam dispersos em várias aldeias, cada aldeia consistiu em uma maloca grande. Este padrão de residência ainda estava a norma, mesmo que a última maloca caiu uns dez anos atrás. Moram agora em casas de palha ou de paxiúba no estilo regional, e cada família nuclear tem a sua casa. Mas continuam agrupados, em 5 aldeias: A Aldeia Central/Aldeia do Posto, a Aldeia da Cachoeira, a Aldeia do

30/4/84

re
en
de
=
pá
: 1
pá
t i
ver
1-1
pp
de
iver
sen
urb.
m.
pá
og
l m.
som
hals
q.)
c. er
i de
ven-
n. i
teret
legg
a alt
n pá
ndt
liten
r.,
l m.
str.
ltn.
hver
slik:
tr. 2
2 m.
med
str.
illid
s av
n p.
fell

Chambete, a Aldeia do Chapija, e a Aldeia do Mira. As aldeias estão enumeradas conforme a ordem de importância de cada, e estão situadas na parte central da área demarcada, no máximo duas horas a pé uma da outra.

Além disso tem duas famílias morando isoladamente na parte leste da reserva, perto do limite da área, e uns 4 a 5 horas a pé da Aldeia Central. Por cima, quase todas as famílias têm uma casa situada a boa distância da Aldeia Central. Usa-se principalmente quando tiram látex de caucho, ou como paradeiro nas prolongadas caçadas que são típicas para a época seca. Costumam cultivar uma roça perto desta casa também, para sempre ter comida quando sintam a vontade de "ficar fora" por um tempo.

Houve mudanças neste padrão durante a nossa permanência, contudo. Várias famílias mudaram-se para a Aldeia Central e houve uma concentração ali, à custa das outras aldeias. Este desenvolvimento foi estimulado pelo Chefe do Posto, que quis ocupar o maior número possível nos projetos econômicos (veja mais para baixo). Também ele achava a concentração geográfica melhor pelo atendimento médico, e pela administração em geral.

É incontestável que uma concentração assim tem vantagens econômicas e administrativas. Mas envolve também contradições, cujos efeitos começaram a aparecer durante a nossa estadia. A caça ficou mais difícil - o que é normal com muitas pessoas agrupados num lugar só. E tinham que procurar áreas apropriadas para cultivo a maior distância da aldeia.

A racionalidade econômica tradicional implica que moram dispersos e que mudam-se periodicamente. Assim evitam de ficar competindo todos para carne na mesma região, e assim seguram que cada roça nova tem terra de escolha, e está situada relativamente perto da aldeia. Asseguram portanto que as atividades econômicas são produtivas no máximo pelo investimento mínimo de trabalho.

Concentração geográfica, no outro lado, resulta gradualmente em atividades econômicas frustradas: caçadas sem resultado, trabalho agrícola com safras reduzidas (se usam terras inferiores mais perto), ou roças mais afastadas - o que aumenta consideravelmente o trabalho das mulheres - se continuam procurando terras boas. Por cima, morando concentradamente eles vão acabar usando só uma fração da área, super-taxando esta fração, em vez de usar moderadamente a área toda.

3499/11

d
n
f.
t.
r.
m
i
re
en
de
=
pá
l
pá
t i
ver
l-l
pp
de
ver
isen
rb.
m.
pá
og
m.
som
hals
m.)
c. er
; de
ven-
n. i
eret
legg
-1 alt
n pá
ndt
liten
r.,
Si m.
str.
itm.
hver
slik:
tr. 2
2 m.
Smed
str.
lltid
s av
n p.
fell

4. Economia

Os Gaviões cultivam suficientemente. Os produtos mais importantes são: 1) Macaxeira 2) Milho 3) Cará 4) Bananas 5) Batata doce. Alguns sabem fazer farinha de mandioca, mas não é da tradição da tribo. Comem muitas frutas silvestres, mas cultivam também mamão e abacaxi, e têm algumas mangueiras.

Em 1980 e '81 faltavam comida por um tempo, mas foi porque os Zorós moravam juntos (duas vezes), sem que os Gaviões tinham plantado para população dobra.

Os Gaviões tiram látex de caucho para vender. Só um está fazendo seringa (que paga melhor, mas presuppõe facas, canecas, etc.). A produção anual por homem varia entre 0 e uns 500 quilos. "Tem dele que gosta fazer, outro que não gosta," como dizem os Gaviões.

Uns anos atrás venderam castanhas-do-pará, mas os últimos anos não houve compradores locais. Então a única outra fonte regular de trabalho remunerado era vender artesanato através da FUNAI. Vendem flechas e cestas principalmente, mas não é grandes quantidades. Os Gaviões não fazem mais redes locais, usam só redes compradas. Mas as flechas são muito bem feitas, minuciosamente decoradas com cabelo de caititu.

5. Atividades administrativas

Durante o período que estávamos no Lourdes houve muitas atividades e grandes investimentos pela parte da FUNAI. As instalações do Posto foram drasticamente melhoradas: Em vez de uma casa de palha (residência do Chefe) e um armazém velho, foram construídas 4 casas novas - escola, enfermaria, residência do Chefe, e armazém com vários quartos, inclusive sala de rádio e quartos para visitantes. Todas as casas eram construções de mogno, pintadas, com pisos de cimento etc.

O Posto está bem equipado. Tem 2 barcos (um de madeira, outro uma voadeira de alumínio), 2 motores de popa, moto-serra, luz elétrica de gerador, etc. Também tem uma "Casa do Índio" em Jí-Paraná, na beira do Rio Machado. É uma construção de madeira - simples mas adequada - que loja o motorista do barco (indígena) e outros índios quando estão na cidade para vender produtos.

Quanto às atividades, eram de dois tipos principais: Projetos agrícolas, e desenvolvimento da infra-estrutura no Posto. Os projetos agrícolas visavam três objetivos:

3/1/11
s
p
pe
ve
l-
pl
de
vez
ser
arb
m.
p
og
m.
som
H
p
c.
d
ven-
n. i
eret
legg
a alt
a pá
ndt
liten
r.,
m.
str.
itm.
aver
slik:
r. 2
m.
med
str.
titud
s av
n p.
fell

- 1) Aumentar a área cultivada. 2) Fazer roças em comum (em vez de individualmente, como era a tradição). 3) Introduzir colheitas novas.

Fizeram roças colectivas em 1979, 1980 e 1981. Acompanhámos as safras dos dois primeiros anos, e o trabalho dos dois últimos. Conforme os objetivos enumerados em cima, podemos dizer que houve um desenvolvimento distinto ano por ano. Em 1979 fizeram uma roça não muito grande, perto do Posto, plantando macaxeira, milho e bananas.

Em 1980 aumentaram a área para 500 por 300 metros (15 ha), e introduziram arroz e café em suplemento ao milho e à macaxeira. Em 1981 roçaram uma área de proporções quase que industriais: 1000 metros por 1000 metros (1 km²). Feijão foi introduzido como safra nova, e plantaram muitos sacos de "milho do branco", porque faltaram milho indígena. Mas a base foi ainda a macaxeira. Em brève: De ano para ano ampliaram a área cultivada, aumentaram o trabalho feito em comum, e introduziram safras novas.

Mas convém dizer que entram também outros fatores no balanço total dos projetos agrícolas. Primeiro, representa uma ruptura com a organização tradicional do trabalho (a tradição é cada homem casado escolher lugar e tamanho da roça, e fazer ele mesmo o trabalho, ajudado por filhos, genros e, muitas vezes, por irmãos).

Por isso não sempre foi fácil motivar os índios para o trabalho. Muitos achavam que era um trabalho adicional - um trabalho além do trabalho normal. O Chefe do Posto explicava que "não era um trabalho pela FUNAI", e que todos os produtos da roça eram destinados para os índios. Este argumento convenceu os índios da Aldeia do Posto, mas não podia convencer os índios das outras aldeias. Devido à distância não era muito conveniente para as suas mulheres buscar comida na roça comunal.

Mesmo assim, os índios das outras aldeias fizeram um bom trabalho nas roças comunais, trabalhando quase em pé de igualdade com os índios do Posto. Fizeram isso por várias razões, a mais importante é provavelmente que sentiram-se "chamados" pela FUNAI que retribuiu o trabalho com comida, servindo almoço e jantar aos índios que participaram. Assim "o serviço pela FUNAI" (como foi chamado) apareceu na mentalidade indígena um pouco como o tradicional mutirão, aonde "o dono" retribuiu a ajuda com grandes quantidades de chicha. Rejeitar um convite

para mutirão não é de bom tom entre os Gaviões.

Segundo, tem a questão dos resultados. As safras de macaxeira em 1980 e 81 foram decepcionantes, como também as de milho. Só o bananal (plantado em 1979) deu razoavelmente bem, fornecendo regularmente um suplemento de frutas à dieta indígena.

Achamos que uma razão importante dos escassos resultados está na localização das roças de 1979 e 1980. Por razões de conveniência estas roças foram localizadas perto do Posto, ao lado da pista de pouso. Assim abriram o espaço entre a aldeia e a pista em 1979 e no outro lado da pista em 1980, portanto aumentando consideravelmente a clareira da aldeia, e assegurando roças comunais perto da Aldeia Principal. Infelizmente esta terra não era muito boa - a maior parte dela era inclusive capoeira, que os índios não costumam cultivar, achando que capoeira não rende muito.

Depois das safras pobres dos primeiros anos, tinham o cuidado de escolher terras que os índios achavam boas, quando localizaram a roça grande em 1981. A safra desta roça não podíamos verificar, mas provavelmente rendeu bem mais que as duas primeiras.

Mesmo assim houve outros problemas. Era muito trabalho roçar e plantar 1 km², e os índios achavam que era demais. De qualquer modo era tanto trabalho que dificultou que os índios fizeram as suas roças individuais. Mas em 1980 e 81, quando as roças comunais fracassaram, foi exatamente as roças individuais que forneceram a base alimentar da tribo. Para 1982 algumas famílias (aquelas dos homens que participaram mais no trabalho) iam depender só da colheita da roça comunal.

O quarto fator que entra no balanço concerne o modelo agrícola em si, a saber: qual é melhor, uma roça grande ou muitas roças individuais? É claro que entram muitos elementos - de ordem econômico, social, ecológico etc. - numa decisão geral deste tipo.

Querendo modernizar a agricultura, não é surpreendente que muitas vezes se escolhe o modelo mais conhecido de agricultura moderna: grandes unidades de cultivo e safras especializadas, tipo mono-cultura. O fato que o rendimento das duas primeiras roças comunais não era satisfatório, não é decisivo. Provavelmente melhorou quando escolheram terras mais apropriadas.

3479/89

m
i
re
en
de
=
pá
i
pá
ti
ver
1-1
pp
de
ver
sen
arb.
m.
pá
og
m.
som
hals
m.)
c. er
de
lyen-
n. i
eret
legg
a alt
a pá
ndt
Eiten
r.
El m.
str.
itm.
hver
stik:
r. 2
m.
Smed
str.
stid
s av
n p.
fell

Mas é importante observar que este modelo é o modelo de agricultura moderna descrito nas zonas temperadas. Não necessariamente é aplicável nos trópicos. Várias experiências o mundo afora estão demonstrando os problemas deste modelo nos sistemas ecológicos tropicais. Os problemas são duplos: o rendimento ao curto termo, e a erosão ao longo termo.

O sistema ecológico tropical caracteriza-se pela grande variedade de espécies, e o número reduzido de cada espécie. Plantando de mesma maneira - imitando a natureza - um tipo no meio do outro, muitas espécies numa área pequena, pode aparecer como um caos aos olhos modernos. Mas na literatura científica sobre o assunto, este modelo está sendo considerado como o mais racional, isto é: a maneira que se adapte o melhor às circunstâncias tropicais, e que rende mais, sem empobrecer demasiado a camada nutritiva da terra.

Outra característica da floresta tropical é que a camada de humo é pouco fundo. O solo depende da proteção da folhagem contra os efeitos prejudiciais da chuva e do sol forte, e depende da camada de folhas em decomposição para a reconstituição da sua fertilidade.

O tamanho da clareira vai influenciar tanto a proteção como a reconstituição da fertilidade. Uma roça pequena, cercada pela floresta, está relativamente protegida e vai gradualmente regenerar floresta depois do ano de cultivo. Mas quanto mais se aumenta a área, tanto mais se corre o risco de ultrapassar os limites críticos do meio ambiente. Vai dizer que se corre o risco inicial de ter um crescimento em baixo do normal, e - mais importante - de a área tornar-se permanentemente deteriorada depois do cultivo. Uma clareira grande é vítima primeiro da época de chuva que tira a sua fertilidade, e depois do sol que endurece a sua superfície. Sem proteção e sem a quantidade necessária de matéria orgânica em decomposição, a área vai faltar as condições de se reconstituir.

Existe portanto vários argumentos em favor de continuar com roças pequenas. Mesmo querendo modernizar a agricultura, pode-se pensar em soluções que combina inovações com a tradicional competência dos índios. Para aumentar os rendimentos monetários da tribo, pode-se por exemplo estimular o plantio de feijão (que tem um bom preço na região) dentro do quadro de roças individuais.

Outra fonte de dinheiro está na borracha. Como mencio-

374/114
 m
 i
 re
 en
 de
 pa
 l
 pa
 t i
 ver
 l-l
 opp
 de
 ver
 sen
 arb.
 m.
 pa
 og
 m.
 som
 hals
 q.)
 c. er
 de
 ven-
 n. i
 eret
 legg
 alt
 a pa
 indt
 biten
 r.,
 m.
 str.
 ltm.
 hver
 slik:
 r. 2
 m.
 Smed
 str.
 illtid
 s av
 n p.
 fell

24/10/14

nãmos acima, já tãram látex de caucho. Mas os lãcros poderiam aumentar muito se tivessem acesso ao equipamento e ao saber necessãrio de tirar látex de seringa, cujo preço é melhor, e que é um recurso mais estãvel porque o árvore não está derrubado (como fazem quando tirãram caucho).

Quanto ao desenvolvimento da infra-estrutura no Posto, já mencionãmos as grandes atividades de construção. Os índios não participaram diretamente na construção das casas novas; foram construídas por trabalhadores de Jí-Paraná. Mas fizeram a limpeza inicial da área de construção, e participaram regularmente nos serviços de manutenção do Posto e seus arredores: limpando caminhos, tirando mato crescente, e cortando o capim na pista de pouso.

Construíram também muitas casas novas na Aldeia do Posto, em parte porque as famílias que mudaram-se para o Posto precisavam de casas, e em parte porque os velhos moradores fizeram construções novas. Isso era um processo contãnuo durante a nossa permanência - tanto assim que quando saãmos, quase todas as famílias Gavião estavam morando em casas novas.

Convêm mencionar também que muitos Gaviões participaram no grande trabalho para abrir o Sob-Posto Arara e construir uma pista de pouso (voltamos ao assunto na seção Arara). Além da roça grande de 1980, foi isso a atividade maior deste ano. Sob a direção do Chefe do Posto, os índios - Araras, Gaviões e alguns Zorões - construíram uma pista de pouso perto da aldeia dos Araras. Também fizeram muitas casas novas para os Araras, e uma casa com cozinha para a FUNAI. Os índios foram pagos por dia pela FUNAI, e a energia que mostraram no trabalho era impressionante. Apreciaram a oportunidade de ganhar dinheiro, e podemos concluir dizendo que o arranjo era vantajoso também pela FUNAI que conseguiu instalações para um novo sob-posto indígena, inclusive com pista de pouso, em menos tempo e muito mais barato do que teria sido o caso com trabalhadores vindo de fora.

d
n
r.
t.
r.
m
i
re
en
de
=
pã
: l
pã
t i
ver
l-l
pp
de
iver
lsen
arb.
m.
pã

og
m.
som
hals
m.)
c. er
: de

yven-
n. i
eret

legg
alt
a pã
ndt
liten
r.,
l m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
m.

med
str.
littid
s av
n p.
fell

ZORÓ

3/10/79

Em 1976 os índios Zoró entraram em contato com a Fazenda Castanhal, e em 1978 a FUNAI estabeleceu contato permanente com a tribo. Construíram um Posto de Atração perto da Fazenda Castanhal, logo no outro lado do Rio Branco, o que mostrava-se bem infeliz. Os índios já tinham pegado várias "doenças de civilizado" através dos peões da Fazenda, e a situação de tratamento médico era difícil.

Depois de alguns meses a tribo toda ficou transferida para o Posto Indígena Igarapé Lourdes, aonde tinham remédios, instalações prontas, e missionários que sabiam tratar.

Mais ou menos meio ano depois, quase toda a tribo voltou para o seu território tradicional, mas agora o Posto da FUNAI foi removido para um lugar mais afastado (4 horas a pé da beira do Rio Branco). Vamos voltar para os problemas de estabelecimento da Frente de Atração Zoró mais para baixo.

Aliás, os índios Zoró voltaram para Igarapé Lourdes mais uma vez em maio 1980, e ficaram um ano. Esta coincidência nos deu a oportunidade de estudar os Zorós e os Gaviões ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Foi uma situação interessante. Os Zorós e os Gaviões são bem parecidos culturalmente, mas variam a respeito da experiência com a sociedade nacional.

Os Zorós tinham só dois anos de contato com a FUNAI quando encontramos-os no Lourdes em 1980. Presuntivamente deveríamos ter encontrado uma cultura tradicional bem viva (sendo índios recém-contatados), mas assim não era. Os Zorós queriam mais do que tudo se adaptar à situação nova.

Em outras palavras, o processo de aculturação dos Zorós foi rapidíssima. Na época não tinham possibilidades de viver na sua própria terra, e a situação no P.I. Igarapé Lourdes era bastante avançada. Lá tinham missionários já 15 anos, e a FUNAI tinha uma presença quase tão antiga. Isso era um mundo bem conhecido para os Gaviões, e naturalmente eles estavam entusiasmados para poder explicar "a nova realidade" para os Zorós.

Uns trinta anos atrás as duas tribos tiveram um período de convivência - vai dizer que eram velhos conhecidos do tempo antes do contato.

Depois do contato várias mulheres Zoró casaram-se com índios de outras tribos, principalmente com índios que ajudavam

d
n
f.
t.
r.
m
i
re
en
de
=
pá
: l
pá
: t i
ver
l-l
opp
de
iver
lsen
arb.
m.
pá

og
m.
som
hals
q.)
c. er
i de

ven-
n. i
eret

legg
a alt
a pá
ndt
liten
r.,
m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
2 m.

med
str.
allid
s av
n p.
fell

na atração; foram índios Suruí, Cinta Larga e, mais tarde, Gavião.

Com os índios Suruí, entretanto, não casaram-se. Devido à tradicional hostilidade entre as duas tribos, os Suruís nunca ganharam a confiança dos Zorós, e a presença dos Suruís na turma de atração teve um desfecho trágico. Um Suruí tinha parentes para vingar, e mataram três Zorós na hora de se retirarem.

Em tudo, houve oito casamentos com Gavião, dois com Cinta Larga e um com Arara. Além disso uma moça Zoró tem uma criança com um Gavião, mas ela não está casada.

Dos oito casamentos com Gavião, cinco já resultaram em filhos e pode ser caracterizados como estáveis, enquanto os três últimos pareciam mais precários. As duas mulheres que casaram-se com Cinta Larga têm filhos e estão morando junto com a tribo dos seus maridos.

Em contrapartida, os Zorós ganharam duas mulheres Gavião. O primeiro casal já teve criança; o segundo casaram-se um pouco antes da nossa saída.

A mulher Zoró que casou com Arara já tinha dois filhos com um Zoró que morreu. Com o Arara ainda não teve filhos. Na tabela que segue, esta mulher e os filhos dela estão encluídos na população geral dos Zorós.

Ao todo, a tribo Zoró perdeu 11 mulheres na idade mais fértil para homens de outras tribos. Totalmente a tribo tem 31 mulheres na idade 15 - 25 anos. 10 das 11 estão nesta idade, o que significa que 35% das mulheres entre 15 e 25 anos casaram-se fora da tribo.

Tomando em conta as perdas que a tribo sofreu durante o primeiro período de contato (veja tabela 3), a perda adicional destas 11 mulheres é uma ameaça séria para a recuperação da tribo.

LEVANTAMENTO REALIZADO PELO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO - CEDOC/FTN/2

d
n
t.
r.
m
i
re
en
de
=
pá
: l
pá
t i
ver
l-l
pp
de
ver
lsen
arb.
m.
pá
og
m.
som
hais
m.)
c. er
: de

ven-
n. i
eret

legg
a pá
ndt
liten
r.,
l m.
str.
itm.
hver
slik:
2
m.

med
str.
lltia
s av
n p.
fell

1. Demografia

Tabela 2. Sumário da população Zoró, dia 6 de outubro 1981.

Faixa etária	M	F	Total
0 - 1	4	3	7
1 - 5	12	9	21
6 - 10	17	8	25
11 - 15	18	9 (+1)	27 (28)
16 - 20	12	11 (+3 +1)	23 (25)
21 - 30	12	15 (+3)	27 (30)
31 - 40	13	18	31
41 - 50	4	4	8
51 - 60	3	6	9
61 -	1	1	2
TOTAL	96	84 (90)	180 (186)

Um comentário para os parênteses na tabela: Os números adicionados entre parênteses representam as mulheres Zoró casadas e tendo filhos com Gavião e Cinta Larga. Isto para mostrar a população total dos Zorós. As crianças destes casamentos, no entanto, estão incluídas nas tribos dos seus pais. O número subtraído representa a mulher Gavião que casou com Zoró e já teve filho. Esta criança está contada como Zoró.

a) Nascimentos

Durante a nossa permanência na área nasceu 8 meninos (um morreu) e 7 meninas, entre os quais um par de gêmeos masculinos.

As moças jovens tomaram contraceptivos de ervas para não engravidar, mas também houve muitas mulheres que não tomaram por causa do risco envolvido (dosagem inseguro, perigo de esterilidade etc.). Tomar ervas para provocar aborto também era arriscado - podiam perder sangue demais. Por isso, se ficaram grávidas sem querer, muitas vezes costumavam ter a criança, e matá-la logo depois do parto.

b) Falecimentos

Um homem de cerca de 70 anos morreu de velhice. Dois outros, um homem de 60 anos e uma mulher de 70, morreram de tuberculose. Os dois foram se tratar em Porto Velho. Também

d
n
t.
r.
m
i
re
sn
de
=
pá
1
pá
t i
ver
1-1
pp
de
ver
lsen
arb.
m.
pá
og
m.
som
hals
m.)
c. er
de

Even-
n. i
eret

legg
alt
a pá
ndt
liten
r.,
m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
m.

emed
str.
alltid
s av
n p.
fell

morreu um homem de 40-45 anos. Os índios suspeitavam que ele foi envenenado, mas o diagnóstico de Porto Velho era de infecção numa velha ferida de flecha.

Uma criança de menos de um ano morreu de fome. A mãe, uma menina, tinha namorada com vários homens. Logo depois do parto ela quis matar, mas os missionários conseguiram persuadi-la a não fazer. Foi um caso difícil, porque a menina ia casar com um Gavião que não queria ficar com o filho dela. Alguns meses depois do casamento, o filho morreu - o marido proibiu a mãe de dar leite.

Tabela 3. Falecimentos durante o período 1976 (primeiro contato com a Fazenda Castanhal) até o fim de 1979.

Faixa etária	M	F	Total
0 - 1	4	0	4
1 - 10	8	3	11
11 - 30	2	5	7
31 - 50	5	6	11
51 - 70	4	3	7
71 -	2	2	4
TOTAL	25	19	44

Os dados em cima é o resultado de entrevistas com vários Zorôs, registrando mortos no período em cada família. São controlados com vários informantes, mas podem ainda ter falhas. De qualquer maneira são os únicos a mostrar a mortalidade depois do contato, e mostram, sem equívoco, uma mortalidade bem em cima do normal.

O problema mais grave para a população Zorô é que morreram tantos velhos, portadores da cultura, durante e depois do primeiro contato com a sociedade nacional. 11 velhos (sendo "velhos" aqui aqueles com mais de 50 anos) morreram durante a época 1976-79, e mais 3 em 1980 e 81. Morreram portanto 14 velhos entre 1976 e 1981, e em outubro 1981 só tinham 11 sobreviventes acima de 50 anos.

Apesar disso, Zorô não tem uma população tão desequilibrada. Comparada com Gavião e Arara, a tribo passava por a época de atração com um resultado muito melhor.

2. Doenças e saúde

Muitos morreram numa epidemia de hepatite junto com malária no Lourdes em 1979. Logo depois, a tribo pegou coqueluche, e algumas crianças morreram. Mas o problema mais comum é a gripe. Quase a tribo toda tinha gripe forte várias vezes enquanto estávamos lá, e pneumonia era provavelmente o maior assassino dos 44.

Alguns tinham obviamente sintomas de tuberculose, e já houve falecimentos por causa desta doença.

Antes que chegamos, uma mulher morreu de doença venérea que ela tinha contraída na Fazenda Castanhal. Os missionários trataram 4 homens que tinham adquirido a doença dela, mas nenhuma mulher foi tratada.

Em agosto/setembro 1980 pegaram catapora. A doença atacou todo mundo e criou muito medo, mas ninguém morreu. Felizmente não contraíram sarampo. As crianças foram vacinadas em 1981; os adultos não, porque podia ser perigoso.

3. Cooperação economica tribal

Os princípios de cooperação intra-tribal são os mesmos do que com Gavião, só que trabalham mais juntos, e a distribuição de comida é muito mais generalizada.

4. Assistência

Os Zorós já tinham vários Chefes do Posto na Frente de Atração Zoró. Alguns não foram muito competentes, o que certamente contribuiu às idas e voltas dos Zorós entre Lourdes e o Posto de Atração.

A última vez que a tribo inteira chegou para Lourdes foi em maio 1980. Desta vez "fugiram" explicitamente porque os funcionários abusavam das mulheres da tribo. Isto criou uma grande confusão e complicou ainda mais o estabelecimento dum Posto Zoró. (Os dois funcionários foram removidos da FUNAI.)

Alguns meses depois, um sertanista conseguiu voltar com um pequeno núcleo de Zorós para restabelecer o Posto de Atração. Um ano mais tarde a maioria já tinha voltado, e fomos lá visitar no início de agosto 1981.

Era um homem novo que estava com os Zorós na nossa chegada. Ele era muito ativo no serviço e queria ensinar os índios a "trabalhar como branco". Alguns dos índios estavam construindo casas para a FUNAI, e o Chefe tinha planos de derrubar

d
n
t.
r.
m
i
re
en
de
=
pá
: l
pá
: t i
ver
1-1
opp
de
ver
lsen
arb.
m.
pá
og
m.
som
hals
m.)
c. er
: de
Lven-
n. i
eret
legg
alt
a pá
indt
liten
r.,
m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
m.
Smed
str.
littid
s av
n p.
fell

24/9/19

todas as malocas e fazer casas pequenas - "de civilizado" logo que possível. Reconhecendo o grande "valor das malocas para a vida social da tribo, o Delegado felizmente não permitiu.

Todos os homens estavam trabalhando numa grande roça comum de 6 de manhã até 18 da tarde. Tinham almoço entre 11 e 14 horas, e a FUNAI deu comida - almoço e jantar - para os trabalhadores.

O chefe não deixou ninguém caçar durante a semana. Em consequência comeram conservas cada dia útil, o que provavelmente era caro para a FUNAI e não muito saudável para os índios. Além disso, esta prática criou problemas para as mulheres e as crianças que foram privadas de carne e de peixe. Os homens tinham que fazer serviço, e a comida da FUNAI era "só para os trabalhadores". Só nos domingos era permitido caçar - e aí tinham que ter sorte! Então, um efeito do projeto era de reduzir consideravelmente o valor nutritivo da alimentação das mulheres e das crianças.

Trabalho médico

Faltavam enfermeiro, mas o Chefe parecia bem formado no campo médico. O pai dele teve uma farmácia, e ele tinha anos de experiência.

5. Demarcação da área Zorô

A área de tradicional uso dos Zorós está interdita desde o tempo de atração. Mas as pressões na região estão aumentando rapidamente (não era por acaso que a Fazenda Castanhal foi primeiro a entrar em contato com a tribo), e é de primeira importância demarcar e segurar uma área adequada para o futuro da tribo.

Para incluir os territórios de tradicional ocupação dos Zorós, esta área vai ter que ir até a beira do Rio Branco a oeste (lá perto da Fazenda Castanhal), e provavelmente até o Rio Roosevelt na outra direção. Naturalmente vai ter que incluir todas as velhas aldeias do tempo antes do contato; ficam até pelo menos uns dois dias inteiros a pé do Posto atual. Veja o esboço em anexo. Para comparar, a distância da Fazenda Castanhal até o Posto é de 4 horas a pé.

Sublinhamos que a localização das aldeias no esboço não está muita exata; seria bom verificar na área, indo junto com os índios para todas as aldeias velhas, marcando numa mapa boa.

A gigantesca Fazenda Castanhal (80.000 alqueires) vai

d
n
f.
r.
m
i
re
en
de
=
pá
il
pá
ti
ver
1-1
pp
de
iver
sen
arb.
m.
pá
og
m.
som
hals
m.)
c. er
de
E ven-
n. i
eret
legg
a alt
a pá
ndt
liten
r.
El m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
m.
S med
str.
littid
s av
a p.
fell

3419189

até o Rio Branco. Logo no outro lado tem as velhas casas da atração original e começa a área interdita. A Fazenda Castanhal já estava querendo cruzar o Rio Branco.

Tambem há outras grandes fazendas na região, mais para leste. Não sabemos bem a distância do Posto, nem se estão dentro da área interdita. Mas o Chefe do Posto falou que tinham uma fazenda a leste que não ficava muito longe. De qualquer maneira: o desenvolvimento econômico na região vai muito rápido , e a questão de terra para os Zorós precisa ser regularizada com urgência.

6. Localização do Posto Zoró

O lugar aonde está situado o Posto agora tem um grande desvantagem (mesmo que é bom que foi removido das vizinhanças da Fazenda Castanhal): Falta água no verão. Tem um igarapé atravessando a aldeia, mas durante a nossa visita quase não tinha mais água. O pouquinho que tinha era parada e muita suja. Mesmo assim foi usada muitas vezes para tomar banho e lavar roupa, e as crianças brincavam lá. Naturalmente era perigoso, e todo mundo pegou uma infecção forte nos olhos. Não saravam durante as três semanas que estávamos lá. Fácilmente esta água podia ter dado doenças mais graves.

Falávamos para eles procurarem água em outros lugares. Em geral fizeram, mas para água potável tinham que andar um quilômetro até um nascente pequenininho (só pingava; não era possível tomar banho).

Portanto, o Posto não tem condições de abrigar a tribo toda (mesmo para um grupo pequeno não é um lugar bom durante a seca). Mas de qualquer maneira nunca moravam todos juntos, e com boas razões: Depois de pouco tempo têm que andar longe para caçar, e também para a roça. Com planos mais modestos de desenvolvimento, poderiam morar em várias aldeias, e assim segurar uma área maior, o que é necessário para manter o padrão da vida indígena.

Aonde quer que ficassem as aldeias, era tradição ir para os rios grandes (Rio Branco, Rio Roosevelt etc.), pescando e caçando durante a época seca. É uma adaptação boa às circunstâncias e importante para o bem-estar da tribo. Também por isso é preciso que a área permita livre acesso a estes rios.

Ter acesso à área via barco - e não só com avião - podia facilitar o transporte da FUNAI também. Isto é válido

d
n
r.
t.
r.
m
i
re
en
de
=
pá
l
pá
t i
ver
-l-
opp
de
iver
lsen
arb.
l m.
pá
og
l m.
som
hals
m.)
s. er
de
E ven-
n. i
teret
legg
-i alt
n pá
mdt
liten
r.,
l m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
2 m.
S med
str.
lltid
s av
n p.
fell

inclusive para os Índios se vão começar a fazer borracha,
o que já aprenderam dos Gaviões.

21/9/49
112
1170

d
n
r.
t.
r.
m
i
re
en
de
=
på
cl
på
it i
ver
-1-1
opp
de
iver
lsen
arb.
m.
på
og
l m.
som
hals
m.)
c. er
i de

Even-
n. i
cret

legg
i alt
a på
mdt
liten
r.,
l m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
m.

med
str.
alltid
s av
n p.
fell

3/11/74
11/2/74

ARARA

A tribo Arara tem história trágica. Tinha muitas malocas e era dono de toda a área ao redor dos igarapés Lourdes e Prainha. Era o primeiro a entrar em contato com os brancos. Gavião e Zorô chegaram para a área depois, e entravam em contato com brancos um pouco através dos Araras.

Em consequência Arara pegou sarampo. Matou 5 velhos e muitas crianças, conforme nós falamos. Pegaram gripe e pneumonia, o que matou muitos durante os anos. Aí por volta de 1959-60 os Gaviões atacaram os Araras de surpresa (depois de anos de intercassamentos, adoções etc.) e mataram pelo menos 7 adultos - 5 homens e 2 mulheres. Os Araras fugiram da área, tomando refúgio nos seringais na beira do Rio Machado. Foram espalhados e explorados. Morreram de doenças, acidentes e crimes. Não funcionaram mais como tribo.

Foi só depois que começaram as primeiras atividades do SPI na área (1966) que um funcionário tirou os índios dos seringais e lhes juntou numa aldeia na parte sul da futura área indígena Lourdes. Eram menos de 50 pessoas - provavelmente não mais do que 1/5 do que eram uns 20 anos antes!

Então começou a recuperação difícil. Sob liderança do chefe (e pajé) Cícero, e com alguma assistência da FUNAI e dos missionários, conseguiram virar tribo de novo. Se organizaram, cultivaram, venderam borracha - e se multiplicavam. Aqui os dados da população em setembro 1981, quando passávamos uns dias com eles.

1. Demografia

Idade	M	F	Total
0- 5	7	9	16
6-10	9	10	19
11-15	5	7	12
16-20	2	3	5
21-30	3	8	11
31-40	7	2	9
41-50	2	2	4
51-	0	1	1
TOTAL	35	42	77

26/10/19

Vários comentários:

a) As estimativas de idade são menos seguros do que as dos Gaviões e dos Zorões.

b) Nota-se o extremo de desequilíbrio demográfico: 61% da população está em baixo de 15 anos e 45% tem menos de 10 anos. Homens de plena idade ativa (entre 16 e 30 anos) quase não têm. A faixa etária 16-20 anos é notável para se somar em 5 indivíduos. São as poucas crianças a sobreviver os anos de mudanças e sofrimentos depois que a tribo fugiu da área.

A imagem sombria se completa observando que só existe uma pessoa, uma mulher, que tem mais do que 50 anos. Vai dizer que a estatística demográfica em si é muito reveladora. Mostra, sem equívoco, que a tribo viveu um profundo trauma: estava rumo à extinção e só com dificuldades está se recuperando, a geração jovem sendo privada o suporte social e cultural de ter uma geração velha integrada.

c) A drástica despovoação se refleta no comportamento matrimonial da tribo: se casam bem cedo e têm muitas crianças.

Vários homens têm duas mulheres, e na faixa etária 11-15 anos 4 mulheres (57%) e 3 homens (60%) já casaram. Uma menina de 10 também estava casada, morando junto com o seu marido de 15.

Não deve surpreender que nem todos os casamentos nesta faixa etária se mostraram estáveis. Na hora de nossa visita um casal já tinha divorciado e estava morando com os seus pais de novo, e outra esposa jovem tinha voltado grávida para a sua mãe enquanto o ex-marido casou com outra menina.

d) A despovoação se refleta também na tendência de forçar a capacidade reprodutiva das mulheres. Parece que as mulheres mais férteis têm crianças tão cedo que possível depois do último parto. Nestes casos provavelmente pode-se falar em forçar a capacidade reprodutiva quase até o seu limite, ao preço da saudade das mulheres e das crianças. Voltamos ao assunto na seção saúde, em baixo.

e) Tentávamos registrar os Araras desaldeados. Registramos 20 pessoas, a maioria homens entre 15 e 40 anos. (Fora disso tem Araras de ambos os sexos morando com Gavião faz anos. São incluídos na estatística Gavião, porque funcionam como Gaviões em todo sentido prático.)

Vários dos desaldeados são irremediavelmente fora da vida

d
m
r.
t.
r.
m
i
tre
len
de
(=
pá
kil
pá
xt i
iver
1-1
opp
de
aver
lsen
arb.
f m.
i pá
log
l m.
som
hals
m.)
k. er
s de
E ven-
m. i
teret
legg
a alt
n pá
undt
liten
2 r.,
1 m.
str.
itm.
hver
slik:
tr. 2
2 m.
emed
str.
alltid
s av
n p.
fell

30/11/19

indígena (casaram com branco, foram para Manaus, etc.), mas outros estão em contato com a tribo. Dos 20 desaldeados, 1 não está realmente fora (só casou com uma índia Zorô), e um casal com uma criança, mais um jovem solteiro, estavam trabalhando no "Seringal de Dona Miuda". Estes 4 vão provavelmente voltar para a tribo na hora que acabam as atividades no seringal (veja p. 7). Dois outros homens estão trabalhando num outro seringal na região, chamado o "Seringal de Edgar". Dependendo do desenvolvimento na região, não é impossível que estes 2 voltem um dia também; os outros provavelmente nunca.

Mas se estes desaldeados voltassem, seria uma boa ajuda para encher a lacuna na faixa etária 21-30 anos.

2. Saúde

Depois dos anos de contato intensivo com brancos, parece que os Araras ficaram mais resistentes contra gripes e outras doenças infecciosas. Mas temos a impressão que têm mortalidade infantil mais elevado do que a dos Gaviões e Zorôs.

Eles contaram quantas crianças tinham perdido os últimos anos, o que em geral foi várias por família, a maioria crianças novinhas ou por volta de 2 anos. Uma menina morreu inclusive pouco antes da nossa visita - conforme disseram por causa de vermes.

Mas sublinhamos que não sabemos com certeza nem o ano de falecimento de todas estas crianças, nem a relação entre número de nascimentos e número de óbitos. Mesmo assim, se a nossa impressão seja válida, achamos que os dois fatores seguintes possam ajudar a explicar o fenômeno:

a) Falta de assistência e supervisão médica do tipo que tinham os Gaviões (missão e Posto na aldeia). Quando aconteceu alguma coisa, tinham que andar 4-5 horas para pedir ajuda (ou muito mais se tinham levado o doente).

b) O período entre as gravidezes é breve demais. Isto pode prejudicar tanto o recém-nascido (porque enfraquece a mãe) como aquele anterior, ainda na idade de mamar (e dependente do leite maternal para guardar a sua resistência geral).

Os Gaviões e Zorôs costumam ter uns 3 anos entre um filho e o outro, e nada indica que os Araras eram diferentes, antigamente. Este espaço entre as crianças pode parecer amplo demais, mas provavelmente tem a dupla função de contribuir ao controle do crescimento populacional, e de fortalecer a saúde tanto da

d
m
r.
t.
m
i
tre
len
de
(=
pá
k l
pá
st i
ver
i-l
opp
de
ver
lsen
arb.
t m.
i pá
og
l m.
som
hals
m.)
k. er
s de
Even-
m. i
teret
legg
a alt
n pá
undt
liten
r.,
l m.
str.
itm.
hver
slik:
tr. 2
m.
med
str.
alltid
s av
n p.
fell

mãe como do filho.

31/11/19

3. Economia

Os Araras são bons agricultores. Cultivam muito, e os produtos são excelentes. Nunca faltam comida, e o número de produtos que cultivam é maior do que fazem os Gaviões (outros tipos de batatas e cará - e em quantidades maiores). Não é por nada que Gaviões/Zorós chamam os Araras de Vetíngürei, "vétínga" sendo o nome dum tipo de batata.

Os Gaviões falam que aprenderam muito dos Araras quanto a agricultura. Por outro lado ridicularizam o talento dos Araras como caçadores. É possível que tenha alguma coisa de verdade nisso - que o acento caçador seja mais marcado na tradição Gavião/Zoró, e que os Araras sejam mais agricultores. (Mas também pode ser que isso se refere a mudanças que ocorreram depois do contato.)

Depois dos anos nos seringais, os Araras são bons seringueiros. Todos tiram látex de caucho e de seringa. Sabem bem tratar a seringa; até que fabricam eles mesmos as botas de borracha que costumam usar. Os Araras são mais integrados no mercado do que os Gaviões. Vendem mais, e também compram mais. Gostam muito de café, e compram para ter; enquanto nenhum Gavião compra café, e as suas mulheres nem sabem fazer.

As flechas que os Araras fazem agora, são visivelmente inferiores às dos Gaviões. Também não fazem muitos. Mas cultivam muito algodão, e as mulheres fazem redes boas, tanto para uso como para venda. Muitos preferem "rede Arara" em vez de "rede civilizada" - já sabem que as que fazem eles mesmos são mais fortes. Os Gaviões, pelo contrário, não estão fazendo mais.

4. Língua

A língua Arara é bem diferente do que a dos Gaviões/Zorós. Mas todos os homens e várias mulheres entendem bem o português da região. Também falam - alguns bem, outros mais ou menos - mas em geral têm um sotaque forte da sua língua materna.

5. Religião

Sem missionários morando na aldeia (excepto por um curto período) os Araras nunca converteram. Continuam ter festas, dançando e chamando os espíritos. Mas perderam muito da

2
p
g
r
p
d
m
r.
st.
r.
m
i
tré
len
de
(=
pá
k l
pá
kt i
iver
l-l
opp
de
aver
lsen
arb.
m.
pá
og
l m.
hals
m.)
k. er
de
ven-
m. i
teret
legg
a alt
n pá
ndt
liten
r.,
m.
str.
itm.
hver
slik:
r. 2
m.
med
str.
llid
s av
p.
fell

30/10/19

cosmologia tradicional, perdendo todos os velhos. Parece, por exemplo, que os mitos s3o existem em forma de fragmentos, n3o como um todo integrado.

6. Assist3ncia

Os Araras costumavam reclamar que eram esquecidos pela FUNAI, que toda a assist3ncia era para os Gavi3es, nada para Arara, etc. N3o 3 de estranhar que sentiram assim. Os Gavi3es tinham Posto, Chefe, pista (feita pelos mission3rios), miss3o. As verbas para a 3rea beneficiaram os Gavi3es mais do que os Araras. Eles tinham que ir pro Posto (o que sentiram como ir pros Gavi3es) para pedir alguma coisa, para serem tratados, ou quando o Equipe Volante de Sa3de tinha chegado para vacinar etc.

Mas em contrapartida organizaram-se bem s3ozinhos. O C3cero mandava, e n3o precisavam de ajuda para fazer casas boas, limpar a aldeia, e ter muita comida.

Em 1980 a rela33o com a FUNAI mudou radicalmente. Como mencion3mos acima (p. 13) construiu-se uma pista de pouso, uma casa de t3buas para o futuro funcion3rio da FUNAI, outra casa de palha com cozinha dentro, e a aldeia inteira foi re-localizada, alongando-se ao lado da nova pista. Tudo pronto, iniciou-se uma nova era para a tribo quando chegou o primeiro encarregado do Sob-Posto Lourdes.

Os Araras estavam muito contentes. Gostaram da aten33o, apreciaram a oportunidade de avi3es aterrizarem - inclusive para buscar doentes num caso de emerg3ncia - e tinham boas esperanças a respeito do futuro fluxo de recursos federais.

Mas sonhar com vantagens 3 f3cil; viver a realidade 3 outra coisa. 3 s3o normal que a nova era n3o trouxe s3o vantagens, mas tambem problemas. Depois das atividades iniciais - que trouxe vantagens suplementares como machados novos, panela para fazer farinha, pilhas e muni33o para ca3ar para os trabalhadores - tudo acalmou um pouco.

O dia-a-dia decepcionou os Araras. E n3o estavam acostumados a ter um funcion3rio morando na aldeia. 3 certo que o novo encarregado mostrou-se muito trabalhador, trabalhando junto com os 3ndios de manh3 at3 tarde. Tambem ele deu a impress3o de ser um homem muito honesto e de boa vontade. Por exemplo costumava dar arroz e caf3 para aqueles que trabalhavam com ele - mesmo que muitas vezes era pagado com o pr3prio

2
b
g
-
or
p.
ed
m
tr.
3t.
tr.
3m
i
tre
len
de
(=
p3
k l
p3
kt i
iver
-1-1
opp
de
hver
ilsen
arb.
l m.
p3
og
l m.
som
hals
m.)
k. er
de
Even-
m. i
teret
legg
a alt
n p3
ndt
liten
r.,
l m.
str.
ltm.
hver
slik:
r. 2
m.
med
str.
lltid
s av
n p.
fell
60

31/9/79

salário dele.

Mas as iniciativas do encarregado se chocou na liderança tradicional do Cícero. Era ele que costumava tomar as iniciativas e as decisões. Ele deve ter percebido a presença dum outro "chefe" como uma ameaça contra a sua posição, porque ele, a sua família, e as três famílias mais ligadas a ele tinham se retirado para a velha aldeia na beira do Igarapé Prainha. Na hora da nossa visita eles já tinham passado um bom tempo lá, sem participar nas atividades no Sob-Posto, mas cultivando as suas roças na outra aldeia.

Não sabemos bem como se desenvolveu o conflito, e não achamos que os pormenores são muito importantes. Era, com certeza, o resultado dum problema geral que enfrenta qualquer funcionário local que vai estabelecer contato permanente com uma tribo até então sem Posto Indígena. O problema é duplo: 1) Como justificar, para si mesmo e para os índios, a sua presença permanente na aldeia; e 2) como lidar com a sociedade indígena.

A resposta da primeira pergunta pode parecer óbvio: O funcionário é lá para ajudar e assistir aos índios. Mas na prática não é tão fácil. Quando está dando remédios, distribuindo munição ou vendendo produtos indígenas, a função é óbvia. Mas no dia-a-dia, isolado na floresta, sem muitos recursos, e sem tarefas particulares que têm que ser feitas, facilmente o funcionário pode começar a pôr-se perguntas.

O encarregado nos Araras resolveu este dilema tomando iniciativas agrícolas e trabalhando em pé de igualdade com os índios. Agindo assim, ele interferiu - sem querer, nem saber - na estrutura social dos Araras numa maneira que o líder tradicional percebeu como um desafio. Ou dito numa outra maneira: Para resolver os problemas na primeira área problemática (justificação de presença), o encarregado criou outros problemas na segunda área problemática (relação com a sociedade indígena).

Não cremos que este conflito necessariamente demorou muito para ser resolvido, e não estamos mencionando o caso para "denunciar" o encarregado - longe disso. Estamos mencionando-o só por achá-lo um exemplo típico e interessante dos problemas envolvidos no trabalho indígena local. É muito difícil agir dentro numa tribo indígena sem interferir em alguma maneira na organização tribal, porque os mecanismos de influência, colaboração e competição são delicados, e não apareçam facil-

2
to
);
g
e-
or
p.
ed
m
tr.
et.
tr.
om
i
tre
len
de
(=
pá
k l
; pá
kt i
rver
-l-l
opp
i de
hver
lsen
arb.
4 m.
i pá
l og
l m.
som
hals
m.)
k. er
s de
ven-
m. i
teret
legg
a alt
n pá
undt
liten
2 r.,
i m.
; str.
itm.
hver
slik:
ir. 2
m.
Smed
str.
tillid
s av
n p.
fell

3.149/10

mente a olhos inacostumados. Além disso, nem todos os índios têm os mesmos interesses. Facilmente um funcionário local pode ser vítima de manipulações: quando algumas famílias cooperam com o funcionário enquanto outros se opõem, o motivo pode estar mais na rivalidade entre grupos na aldeia do que nas atividades do funcionário.

Mesmo assim, parece claro que os problemas deste tipo aumentam quando se toma iniciativas que entram na organização interna da tribo (de tipo: como organizar a agricultura, que tipo de casas construir e aonde localizá-las etc.); e os problemas são menores quando se trata de atividades tipicamente de proteção, como assistência médica, controle do contato com a sociedade nacional, demarcação da área, supervisão das atividades comerciais, etc.

Todavia não fica fácil. No caso Arara houve problemas quando o encarregado "chefiou" atividades quotidianas, mas ao mesmo tempo queriam um "chefe verdadeiro" - vai dizer um chefe poderoso. Quando o encarregado tinha que ir pro Chefe do Posto no Lourdes para pedir utensílios, ter acesso ao barco etc., reclamaram que não era "o chefe certo". Mas não era culpa do encarregado que o Chefe da área toda estava estacionado na aldeia Gavião, e que as verbas para a área foram distribuídas por ele.

7. Assistência necessária

Veja o relatório Gavião (p. 6 e 7). Tudo o que é dito sobre a área, o perigo de invasões na parte sul, a estrada, a necessidade de marcar presença e cortar de novo a demarcação etc., está ainda mais válido para os Araras, que habitam exatamente esta parte. Parece-nós isso uma tarefa fundamental para o futuro da tribo.

Importante também é fornecer assistência médica competente. Precisa-se cuidar dos poucos que são. Também precisam de ajuda nas vendas e compras para não serem enganados. No futuro seria bom se pudessem aprender a calcular.

k
92
0%
m);
0 g
yse-
stor
ã p.
med
cm
astr.
met.
str:
llom
ier i
nstre
olen
r. de
(=
te pá
Øk 1
et pá
likt i
i hver
-2-1-1
t opp
ná de
. hver
alsen
r arb.
14 m.
en pá
il øg
1 m.
l som
l hals
e gn.)
tk. er
es
ve
m.
ster
legg
la alt
en pá
rundt
liten
2 r.,
41 m.
ig str.
idtm.
hver
slik:
str. 2
2 m.
med
g str.
alltid
os av
an p.
g fell